

ESPAÇOS: LE LIEU FAIT LIEN

Tania Pitta*

Quando o mito surge com potência em nossas cidades, a força da imagem se torna presente em nossos territórios. Percebemos hoje que a metrópole não é mais controlável; algumas periferias ou favelas, até mesmo cidades inteiras são testemunhas deste urbanismo incontrolável: violências urbanas, poluição, rupturas de ligações sociais, especulação imobiliária, degradação de imóveis e de lugares públicos são características de alguns territórios. As cidades contemporâneas se tornam inevitavelmente anárquicas. Vivemos a era da dúvida, do contingente, do lugar, da adaptação, como explica o arquiteto Christian de Portzamparc. Enquanto que a cidade genérica,

segundo Rem Koolhaas, não tem história, nem identidade, ela vive o instante, o presente. Abordaremos aqui, rapidamente, a importância da questão do espaço na obra de Michel Maffesoli que é de grande esclarecimento para quem trabalha com esta problemática. Desenvolvido na maioria dos seus livros,

o tema do espaço releva o local onde um grupo se constitui. Como poderíamos então, criar formas urbanas inspiradas nos canais de relações contemporâneos? Michel Maffesoli desenvolveu temas como localismo, proxemia, centralidade subterrânea, nomadismo, enraizamento dinâmico. Estes elementos permitem compreender uma sociedade contemporânea baseada antes no afetivo do que no racionalismo moderno, por sua vez, baseado no progresso, no futuro.

Encontramos estes elementos em nossas cidades. Trata-se de um re-investimento de lugares híbridos que existem hoje graças à fusão de duas lógicas urbanas contraditórias: a tradicional e a moderna. A primeira, a tradicional, dataria, segundo Gilbert Durand, do segundo gótico e iria até a industrialização. É a época em que se pro-

cura dar ordem à cidade, criando caminhos, ruas claras para não se perder no labirinto urbano. Procura-se dominar a cidade.

Em seguida, com a industrialização, procura-se ainda dar ordem, mas de outra maneira. Não planificamos mais a cidade a partir das ruas, mas a partir da arquitetura. Nega-se o passado e cria-se ruas a partir dos prédios. Com estas mudanças causadas pela modernidade, a cidade se torna fragmentada, plural, híbrida.

É com o objetivo de compreender esta atmosfera que a obra de Michel Maffesoli é essencial. A acentuação do presente é um dos fatores desenvolvidos por ele, esta acentuação seria “o

presente e a imagem que delimitam a natureza para criar espaço, que limitam o tempo para fazer uma duração coletiva”¹ é o “presentismo que vai se exprimir no hedonismo, na procura do gozo aqui e agora, na exacerbação do emocional e do sensível”². Isto é o que o tempo e o espaço concreto tem o mérito de

acentuar. Somos marcados pelos lugares e também, reciprocamente, os marcamos pela nossa presença. A aproximação entre território e hedonismo vai disseminar o que Maffesoli chamou de *localismo*.

Então, o sentimento de pertencer ao espaço é a consequência direta do espírito pós-moderno : quando o indivíduo não percebe sua própria história, ele se contenta em criar raízes no espaço. Segundo Michel Maffesoli, a sinergia entre as formas arcaicas e o desenvolvimento tecnológico transforma o convívio urbano e o espaço do cimento social em elementos diretamente influenciados pelo tempo e pelo espaço.

Espaços “barocos”, espaços de encontros entre “mafiosos”, entre gangues, entre amigos que gostam de se reunir, de festejar... Devemos, mais

Então, o sentimento de pertencer ao espaço é consequência direta do espírito pós-moderno : quando o indivíduo não percebe sua própria história, ele se contenta em criar raízes no espaço.

do que nunca, abordar estes processos que agem de maneira invisível e difusa em nossos territórios, partindo do localismo próprio da pós-modernidade e, talvez, desde sempre, presente na cultura e na natureza do brasileiro, devemos compreender que a procura de uma harmonia estética no tecido urbano não é mais fundada na homogeneidade das formas e sim em uma estética heterogênea. “À ótica (a visão do longínquo) próprio ao progresso, se opõem o tátil (o tocar, o próximo) próprio ao localismo”³.

Então, seria importante analisar os lugares de encontro dando ênfase às formas de comunhão, importantíssimas no viver cotidiano. Maffesoli nos faz, do mesmo modo, perceber a importância do barroco, estilo que melhor conseguiu dar ênfase à idéia de localismo, no que diz respeito à dimensão cósmica.

Habitada por diversos lugares sagrados, a cidade de hoje oferece ambientes diferentes onde grupos de pessoas vão se freqüentar, se encontrar e dividir suas emoções, tudo isso segundo suas afinidades, que passam antes pelo campo emocional e muitas vezes festivo, em vez de passar somente pelo racional/funcional. Isto nos convida a realizar uma leitura sensível do território permitindo ressaltar os lugares de convívio. Se interessar pelos espaços de convívio e de sedução, é olhar o território em sua dimensão positiva e reconhecer que o homem, enquanto morador, influencia seu território. Estas diversas formas de estética que encantam a vida tribal nos leva a questionar a essência do local onde é vivida a experiência comum, experiência que vem acompanhada de Eros ou do cortejo de Dionísio. Sem esquecer do axé dos orixás que trazem os elementos da natureza consigo.

Lógicas invisíveis organizam o espaço cotidiano. Que espaços são estes? O que traz a dimensão de hospitalidade na arquitetura? Estas lógicas nos levam à dimensão simbólica do espaço. A cidade é composta por « altos lugares », no sentido religioso do termo, que são investidos por grupos, tribos, que estão lá por causa de uma razão emocional, ética e estética. Isto acontece com freqüência quando abordamos lugares de festa, porque é um local de transgressão, local que mantém a presença de Dionísio. Sobre este assunto, Maffesoli realiza (na prática) festas, reuniões, jantares... e (teoricamente) cita os cultos do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, das refeições, do esporte e conclui, explicando, que o denominador comum é o lugar onde se faz estes cultos.

Para Michel Maffesoli o espaço seria então uma nebulosa « noética », ele diz: “compreendo sobre isto os fluxos afetivos, as manifestações estéticas, os movimentos éticos, digo, toda esta ordem do sensível, do sensual do colorido, do piscante, do dionisíaco que é também a marca da cultura. Dando ênfase ao aspecto não racional do espaço, lembrando sua dimensão “fluida”, circulação da palavra e/ou circulação do sexo, trata-se de insistir na perspectiva ecológica que culturaliza a natureza aceitando que a cultura se naturalize”⁴.

[...] devemos compreender que a procura de uma harmonia estética no tecido urbano não é mais fundada na homogeneidade das formas e sim em uma estética heterogênea.

Concluo com a pluralidade, com as várias atmosferas que compõem uma cidade. Ela seria então uma obra de arte aberta à emoção, ela é construída pelo “equilíbrio do espírito e dos sentidos, da aparência e da essência, do material e do espiritual. É assim que se deve avaliar o retorno dos fantasmas, do natural, dos humores, das cores e dos sentidos: é no tornar-se espiralesco do mundo, o retorno do *espírito da terra*”⁵.

NOTAS

* Arquiteta, pesquisadora do CEAQ - Sorbonne e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário, UFPE. Coordenadora do GRES/CEAQ e do SFB/CEAQ.

¹ MAFFESOLI, Michel. **Au creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique.** Plon, Paris, 1990, p. 214.

² *Ibid.* p. 213.

³ MAFFESOLI, Michel. **Notes sur la postmodernité, le lieu fait lien.** Editions du Félin / Institut du monde arabe, 2003, p. 63.

⁴ MAFFESOLI, Michel. **Notes sur la postmodernité, le lieu fait lien,** p. 65,66.

⁵ MAFFESOLI, Michel. **La force de l'illusion. La grande illusion.** Texte réunis et édités par Marc-Olivier Gonseth, Jacques Hainard et Roland Kaehr. Pag. 65. Musée d'ethnographie, Neuchâtel, 2000, p. 58.